

# Mocidade Cristã

Ano XIX

Outubro a Dezembro de 1957

Número 77

## História dum Hino

Um dos hinos mais conhecidos na Inglaterra foi escrito para crianças pela senhora C. F. Alexander, mas é também popular entre adultos. Há uma tradução em Hinos e Canticos, número 180:

Lá fora de Jerusalém o Salvador sofreu:

Foi levantado numa Cruz e Sua vida deu.

Nós não podemos compreender a dor que padeceu;

Sabemos que por nos amar Jesus ali morreu.

Não foi achado mais ninguém na vasta criação

Idôneo para efetuar a nossa salvação.

Oh, quanto, quanto nos amou Jesus o Salvador!

Devemos nEle confiar, e dar-Lhe nosso amor.

Uma moça com sorriso alegre ajudava na distribuição de hinários e a dar as bôas vindas à gente que entraava para assistir às reuniões evangélicas. Depois da reunião alguém perguntou-lhe qual era o segredo da sua felicidade. Ela respondeu: E' um prazer maravilhoso estar aqui, porque não sabemos o que seja o resultado de serviço para o Senhor. Traz-me grande alegria para participar d'este serviço. Minha vida, uma vez, era tão diferente, era sombria e um pesadelo e eu não tinha desejo de viver. Meu lar era muito triste. Assistia ao cinema e lia jornais, mas vivia sem amiga, sem esperança e sem gôzo. Comecei a trabalhar na fábrica de tecidos quando nova, horas compridas e serviço monótono.

Outra moça que trabalhava perto de mim, reparou meu olhar de desespéro e falou comigo. Ela era alegre e amável. Confiei nela e contei-lhe da minha vida amarga e triste. Quando, porém, ela falou de religião, repeli-a com sarcasmo. De vez em quando ela deixou perto de mim um livrinho ou texto. Li-os, mas zombei deles, porque religião para mim não tinha sentido. Os textos eram acerca do amor de Deus, como «Deus é amor» e «O Filho de Deus o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim». Ela costumava cantar hinos numa voz baixinha mas bonita, e sempre soando claramente as palavras. Um favorito dela foi o hino «Não podemos compreender a dor que padeceu, Sabemos que por nos amar, Jesus ali sofreu». Escutava, porque o hino tinha um apelo para mim.

Era costume em nossa fábrica ter uma reunião uma vez por semana na hora de almoço e pregadores foram convidados para falar às empregadas. Muitas das moças assistiram e, numa ocasião, quando chovia e senti-me cansada, resolvi assistir para descansar no banco. Ouvi, no princípio, com indiferença, mas gradualmente tornei-me mais interessada, quando o pregador falou do sacrifício e sofrimento do Senhor Jesus na Cruz por amor de mim. Então todos cantaram o hino de que minha amiga gostou tanto. As palavras «Oh, quanto, quanto nos amou, Jesus o Salvador, Devemos nEle confiar e dar-lhe nosso amor» tocaram-me o coração, pois eu bem sabia que era de tal amor que precisava mais do que qualquer outra coisa. Quando voltamos a nosso serviço, minha amiga não se referiu

à minha presença na reunião, mas ela cantou o mesmo hino. As palavras chegaram aos meus ouvidos apesar do barulho das máquinas e ela reparou que eu escutava. Então ela veio perto de mim e disse: «É bonito hino, não é? Eu não pude falar. Lágrimas surgiram em meus olhos «Gostas dêle?» ela perguntou. Não respondi, e ela continuou: «Eu te amo. Tu és tão paciente, tão diligente e tão triste. Eu não queria falar antes do assunto para não te ofender, mas se tu soubesses do amor de nosso Pai no Céu! Faz tanta diferença para mim. Torna a vida tão bela, até nesta fabrica sombria.

Quando terminamos nosso serviço, saímos juntas. «Dize-me mais do assunto, quero saber» eu disse-lhe. Então ela contou do grande amor de Deus, da vinda de Jesus para levar nossos pecados e ser nosso Amigo e para encher nossa vida de paz e alegria.

Assistimos diversas vezes, juntas, às reuniões e gradualmente a luz penetrou meu coração. Reconheci que eu era pecadora e por minha causa Deus enviou Seu Filho para morrer na Cruz. Rendi meu coração a Ele e desde aquêle dia tudo mudou-se. Nasci de novo e agora a vida é diferente. O serviço na fábrica agora é cheio de gôzo para mim. Faço tudo por amor d'Ele. Uma luz celeste parece brilhar nas trevas, fazendo até o edifício brilhar e todo o momento é feliz na Sua presença. Há tantas moças na fábrica com vidas escuras e miseráveis e procuramos trazer-lhes a luz e gôzo na vida. Deus está abençoando o serviço do Evangelho e dos hinos. Elas observam como feliz é a vida quando confiamos em Jesus como nosso Salvador.

## Billy Bray

### Uma biografia

Na primeira metade do século passado vivia Billy Bray, um dedicado servo de Deus. Trabalhava como mineiro em Cornwall, a comarca no sudoeste da Inglaterra. Antes da sua conversão era bêbedo, gastando muito de seu tempo e salário na taberna, bebendo cerveja. Casou com uma mulher que era crente, mas voltara para traz na vida espiritual. Às vezes ela precisava ir à taberna para trazer Billy, muito embriagado, à casa à meia noite.

No século anterior, João Wesley pregara em Cornwall e o Metodismo ficou bem fundado ali. Alguém emprestou a Billy um livro escrito por João Bunyan: «Visões do Céu e do Inferno», e a leitura d'este livro despertou-lhe a consciência. Começou a orar a Deus pela Sua misericórdia, mas cada dia ficou mais desesperado. Às vezes passou a noite em oração e, em algumas ocasiões, deixou de ir à mina para trabalhar, a fim de orar em casa. De repente a luz entrou na sua alma e soube que seus pecados foram perdoados. Então andava na vizinhança falando a todos de seu Salvador e da sua conversão. Antes de descer à mina, costumava orar com seus companheiros e pedir a Deus se houvesse um desastre e alguns morressem, que Ele fosse a vítima, pois estava preparado e eles não estavam, mas seriam perdidos.

Billy era pobre e sómente com economia podia sustentar sua família, mas adotou dois filhos dum vizinho que morrera. Ele edificou diversas Casas de Oração com suas próprias mãos, depois das horas de trabalho na mina. Costumava pedir a Deus e a seus vizinhos o dinheiro necessário para comprar o material. Ele pertencia a uma denominação chamada

«Cristãos Bíblicos». Pregava o Evangelho e muitas pessoas foram convertidas.

Billy sempre falava de Deus como «meu Pai», e costumava pedir direção em todo o seu serviço. Ele pediu que Deus mandasse edificar uma igreja num certo lugar para a pregação do Evangelho. Passando tempo, descobriu que trabalhadores edificavam uma igreja anglicana. Então pediu a Deus para enviar um ministro evangélico para pregar ali, quando completada. Depois, foi assistir a inauguração da igreja e descobriu que o ministro que pregou era ritualista e ficou desgostoso. O ministro, chamado Haslam, depois era um dos mais célebres e zelosos evangelistas na Inglaterra no século passado. Mais tarde Haslam foi convertido no meio, e por meio, da sua própria pregação. Nesta ocasião, um homem na congregação levantou-se do seu assento durante a pregação e exclamou em voz alta «Nosso ministro agora é convertido». Billy foi visitá-lo e sua família e tornou-se amigo de Haslam e outros ministros evangélicos.

Billy Bray sempre tinha uma boa resposta pronta quando era interrogado ou zombado. Nosso espaço serve apenas para umas anedotas.

Alguns rapazes vaidosos resolvaram dar a Billy um susto. Subiram uma árvore com galhos espalhados acima da estrada onde Billy passaria, à noite, depois duma reunião. Levaram umas correntes para fazer barulho e esperavam até que o pregador chegasse. Billy, passando debaixo dos galhos, ouviu sons estranhos e perguntou «quem está ai?» Veio a resposta numa voz como do fundo dum sepulcro: «Sou o diabo». Billy respondeu alegremente: «Graças a Deus, nunca pensava que você estava tão longe de mim».

Em outra ocasião uns rapazes encontraram Billy e disseram: «Bom dia, já ouviu a notícia hoje?» «Não» respondeu Billy, «que é?». Os rapazes responderam: «O Diabo morreu». Billy olhando ao grupo disse-lhe: «Coitados, meus rapazes, agora vocês são orfãos, que vão fazer?»

Um dia Billy ficou assentado com seus companheiros da mina, na sombra dum barranco, almoçando. Billy, antes de comer, segundo seu costume, fechou os olhos para dar graças. Enquanto ficou com os olhos fechados, veio um cachorro e pegou num pedaço da carne no prato e fugiu com ela. Billy, quando deu falta da carne, levantou-se e correu atrás do ladrão, acompanhado com as gargalhadas dos companheiros. Quando assim empregado, o barranco caiu sobre os outros que almoçavam e Billy teve de tirar alguns da terra. Todos perderam seus almoços, mas Billy escapou da terra que caiu.

Depois de construir uma Casa de Oração, Billy precisava dum púlpito. Houve um leilão na vizinhança e entre a mobília para ser vendida, ele viu um armário, que, com uma pequena reforma, podia ser convertido num púlpito. Alguém deu-lhe dez shillings para compra-lo. Quando o leiloeiro mostrou o armário e perguntou: «Quanto?», Billy disse: «Dez shillings». Mas outro homem ofereceu onze shillings e Billy não possuía mais dinheiro. O resultado foi que Billy perdeu o «púlpito», que julgara que seu «Pai» lhe dera. O comprador colocou o armário numa carroça e levou-o à sua casa, mas Billy seguiu-o. Chegando à casa, o homem descobriu que o armário era grande demais para entrar por qualquer das portas da casa. Billy, vendo sua oportunidade, ofereceu ao homem os dez shillings, se ele levasse o armário à Casa de Oração em cima do morro.

«Cristãos Bíblicos». Pregava o Evangelho e muitas pessoas foram convertidas.

Billy sempre falava de Deus como «meu Pai», e costumava pedir direção em todo o seu serviço. Ele pediu que Deus mandasse edificar uma igreja num certo lugar para a pregação do Evangelho. Passando tempo, descobriu que trabalhadores edificavam uma igreja anglicana. Então pediu a Deus para enviar um ministro evangélico para pregar ali, quando completada. Depois, foi assistir a inauguração da igreja e descobriu que o ministro que pregou era ritualista e ficou desgostoso. O ministro, chamado Haslam, depois era um dos mais célebres e zelosos evangelistas na Inglaterra no século passado. Mais tarde Haslam foi convertido no meio, e por meio, da sua própria pregação. Nesta ocasião, um homem na congregação levantou-se do seu assento durante a pregação e exclamou em voz alta «Nosso ministro agora é convertido». Billy foi visitá-lo e sua família e tornou-se amigo de Haslam e outros ministros evangélicos.

Billy Bray sempre tinha uma boa resposta pronta quando era interrogado ou zombado. Nosso espaço serve apenas para umas anedotas.

Alguns rapazes vaidosos resolvem dar a Billy um susto. Subiram uma árvore com galhos espalhados acima da estrada onde Billy passaria, à noite, depois dum reunião. Levaram umas correntes para fazer barulho e esperavam até que o pregador chegasse. Billy, passando debaixo dos galhos, ouviu sons estranhos e perguntou «quem está ai?» Veio a resposta numa voz como do fundo dum sepulcro: «Sou o diabo». Billy respondeu alegremente: «Graças a Deus, nunca pensava que você estava tão longe de mim».

Em outra ocasião uns rapazes encontraram Billy e disseram: «Bom dia, já ouviu a notícia hoje?» «Não» respondeu Billy, «que é?». Os rapazes responderam: «O Diabo morreu». Billy olhando ao grupo disse-lhe: «Coitados, meus rapazes, agora vocês são orfãos, que vão fazer?»

Um dia Billy ficou assentado com seus companheiros da mina, na sombra dum barranco, almoçando. Billy, antes de comer, segundo seu costume, fechou os olhos para dar graças. Enquanto ficou com os olhos fechados, veio um cachorro e pegou num pedaço da carne no prato e fugiu com ela. Billy, quando deu falta da carne, levantou-se e correu atrás do ladrão, acompanhado com as garrulhadas dos companheiros. Quando assim empregado, o barranco caiu sobre os outros que almoçavam e Billy teve de tirar alguns da terra. Todos perderam seus almoços, mas Billy escapou da terra que caiu.

Depois de construir uma Casa de Oração, Billy precisava dum púlpito. Houve um leilão na vizinhança e entre a mobília para ser vendida, ele viu um armário, que, com uma pequena reforma, podia ser convertido num púlpito. Alguém deu-lhe dez shillings para compra-lo. Quando o leiloeiro mostrou o armário e perguntou: «Quanto?», Billy disse: «Dez shillings». Mas outro homem ofereceu onze shillings e Billy não possuía mais dinheiro. O resultado foi que Billy perdeu o «púlpito», que julgara que seu «Pai» lhe dera. O comprador colocou o armário numa carroça e levou-o à sua casa, mas Billy seguiu-o. Chegando à casa, o homem descobriu que o armário era grande demais para entrar por qualquer das portas da casa. Billy, vendo sua oportunidade, ofereceu ao homem os dez shillings, se ele levasse o armário à Casa de Oração em cima do morro.

O infeliz comprador do armário, bem satisfeito com esta saída, aceitou a oferta e, pondo sua compra outra vez, na carroça, levou-a à Casa de Oração e recebeu os dez shillings. Billy agradeceu a Seu Pai, não sómente pelo «púlpito», mas por ter arranjoado uma carroça para levá-lo à Casa de Oração, porque Ele sabia que Seu servo não tinha meios para carregá-lo.

Quando ficou doente, Billy perguntou ao médico acerca de seu caso, e o médico respondeu que ia morrer. Billy exclamou imediatamente «glória, glória seja a Deus». Então perguntou ao médico: «Quando eu chegar em cima, posso dar-lhes seus cumprimentos e dizer-lhes que o senhor chegará ali também?». Um amigo perguntou-lhe se ele não tinha medo da morte ou de ser perdido. Ele respondeu: «Medo da morte! Meu Salvador venceu a morte. Se eu chegasse no inferno, clamaria «glória, glória a bendito Jesus» até o abismo ecoar, e o diabo diria: «O Billy, este não é o lugar para você, vai-se embora».

Billy terminou sua vida clamando «glória!» e entrou na glória.

## Personagens Históricas do Novo Testamento

### *Herodes Agripa (Atos 12)*

Herodes Agripa era filho de Aristóbulo e neto de Herodes I. Quando novo, foi enviado a Roma e criado ali. Nesta cidade encontrou Calígula, que depois foi feito Imperador. Herodias (que casou com Herodes Antipas, Tetrarca de Galiléia) era sua irmã. Herodes Agrippa foi feito governador de Tiberias por Tiberio

César e quando seu amigo Calígula veio a ser Imperador, conferiu-lhe o título de rei. Quando Herodes Antipas foi banido, Agripa foi feito governador de suas províncias também. Calígula, meio louco, resolveu ter uma estatua sua, como um deus, no Templo de Jerusalém, mas Herodes persuadiu o imperador a desistir desta loucura. Nesta ocasião o rei fez bem, mas sua ambição principal era a de ganhar o favor dos judeus, como lemos em Atos 12. Mandou degolar Tiago e pretendia também executar o Apóstolo Pedro, como lemos no capítulo, mas Deus libertou-o da prisão. O capítulo 12 de Atos também descreve a morte de Herodes Agripa. O historiador dos Judeus, Josefo, descreve a cena. Herodes celebrava no teatro de Cesaréa, o regresso do Imperador Cláudio (que sucedera Calígula) de suas vitórias em Britão, e vestido duma túnica como prata, que brilhava no sol, o povo de Tiro e Sidon gritou que era um deus. De repente foi acometido de dores agudas e retirou-se, morrendo em poucos dias. A.D. 44.

## *Estudo Sobre a Primeira Epístola aos Coríntios*

### *Capítulo 13.*

O capítulo 13 não precisa de explicação, mas é bom para estudar, aprender de cor e praticar. «Caridade» é melhor traduzida pela palavra «amor». O crente, em ler o capítulo, deve substituir seu nome pelo de «amor», e verificar que ele tem os característicos atribuídos a esta virtude. Por exemplo: será que ele é benigno, não invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece? O crente

deve praticar tôdas as virtudes mencionadas. Esperança será realizada, fé mudar-se-á em vista, mas amor permanecerá para sempre, pois é o ambiente do Lar Celeste.

## Capítulo 14

Sendo o capítulo 13 um parêntese, o assunto do capítulo 12 é continuado no capítulo 14. Encontra-se outra vez a palavra «Igreja» e o contexto indica que se refere à igreja reunida (em eclesia). É uma explicação do procedimento dos cristãos quando «toda a igreja se congregar num lugar». O amor tem de reinar sobre todo o procedimento da igreja. Os irmãos que ministram a Palavra de Deus são aqui chamados «profetas» e não «doutores ou pastores», embora alguns possuam êstes dons. Segundo nosso capítulo as reuniões têm uma forma que alguns chamam «reuniões abertas», que quer dizer, a igreja é dirigida pelo Espírito Santo, sem arranjar os oradores com antecedência e sem presidente. Há outras reuniões onde o pregador é escolhido anteriormente, mas não são contempladas neste capítulo. Para uma pregação do Evangelho é muito desejável ter um pregador escolhido com uma mensagem preparada. Sendo o auditório, neste caso, composto de incrédulos, não há o ambiente para a forma de reunião descrita neste capítulo. Certamente não convém deixar o púlpito livre para qualquer irmão subir à vontade.

Sem o poder do Espírito Santo presente e um espírito submisso da parte dos irmãos, possivelmente haveria uma falta de proveito e até certa confusão numa reunião aberta para o ministério. Nunca temos achado êstes defeitos, porém, em reuniões de oração ou para a Santa

Ceia. Evidentemente em Corinto certos defeitos se manifestaram, e o Apóstolo indica no capítulo a causa e o remédio, sem mudar a forma das reuniões. Os erros mencionados são:—

(1) irmãos falavam línguas estranhas sem alguém para interpretá-las.

(2) irmãos (aqui chamados profetas) levantaram-se para falar sem proveito

(3) Mulheres pregando na Igreja.

(1) Aprendemos que certos irmãos com dom de línguas manifestavam sua carnalidade, ostentando seu dom, sem proveito para a Igreja, e fazendo escândalo aos olhos dos incrédulos. Foram proibidos de falar sem alguém para interpretar sua mensagem. O versículo 22 explica o uso das línguas estranhas, isto é para convencer os incrédulos. Há um exemplo deste fato no capítulo 2 dos Atos, quando os apóstolos, no Dia de Pentecostes, falavam nas diversas línguas aos estrangeiros presentes.

Neste capítulo é melhor traduzir as palavras «fiéis» e «infiéis» como «crentes» e «descrentes» ou «incrédulos». A palavra «infiéis» agora tem o sentido de ateu ou pagão e «fiéis» significa um adepto da Igreja Católica.

(2) Julgamos de versículos 29 e 32 que certos dos profetas eram reconhecidos como juízes do ministério, e quando julgavam que um profeta falava sem proveito, êles exerciam um direito de mandar o orador «calar-se».

O sentido da palavra «profeta» neste capítulo é que o orador ministrava a Palavra de Deus para o proveito dos crentes na igreja e não tem a significação de predizer.. Evidentemente a reunião estava aberta para

## A Sociedade Bíblica do Brasil

O dia 8 de Dezembro será «DOMINGO DA BÍBLIA», e é o bom costume das igrejas manifestar seu interesse na Sociedade e na distribuição da Palavra de Deus no Brasil, por levantarem uma coléta especial neste Domingo e enviá-la à Sociedade no Rio de Janeiro (caixa 73).

O Secretário pede que publiquemos o seguinte: —

A Sociedade Bíblica do Brasil, desde a sua fundação, em junho de 1948, até 30 de Abril de 1957 —

(1) DISTRIBUIU: —

1.092,415	Bíblias
777,162	Novos Testamentos
14.114,748	Porções
15.984,325	Total

(2) PUBLICOU no BRASIL: —

190,462	Bíblias
513,424	Novos Testamentos
10.976,202	Porções
11.680,088	Total

(3) Gastou na manutenção de todo o seu programa de «DAR A BÍBLIA À PÁTRIA»:

Cr\$ 77.220.741,80

(4) RECEBEU de ofertas e contribuições nacionais: —

Cr\$ 6.572.947,90.

No último número de «Mocidade Cristã» anunciamos que Sr. Haroldo

St. John falecera no mês de Maio passado. Recebemos uma carta escrita pela filha e assinada também por D. Margarida (esposa). Sómente os irmãos mais velhos podem lembrar-se do Sr. Haroldo. Chegou no Brasil no ano 1916 e deixou o país em 1920. Na Inglaterra era um pregador popular e abençoado em seu ministério. Durante o último ano da vida, sofria do coração e não podia pregar. Durante seus últimos dias, o gôzo encheu seu coração com o pensamento de encontrar o Senhor. Ele disse: «Quando eu entrar na presença e vir o Rei em Sua formosura, será maravilhoso!» Suas últimas palavras eram: «Sou o homem mais feliz do mundo!»

Os estudos sobre a Epístola aos Romanos que foram incluídos em «Mocidade Cristã» agora são impressos numa brochura. Leitores que desejam possuir exemplares devem escrever a W. Anglin, caixa 35, CARANGOLA, Minas. Vende-se ao preço de Cr\$ 5,00

## Obituário

Faleceu em Agosto, num hospital no Rio, nosso irmão Raymundo G. Nogueira (de Cafarnaum, Carangola).

## EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.